

Masterclasse de Cinema e Música

Lauro António e Teresa da Palma
Pereira

VIDAS COM MÚSICA



Sessão 14 – 10 de Maio 2018 | CRÓNICA DE ANA MADALENA BACH (1968)



“Chronik der Anna Magdalena Bach” é um filme italo-alemão, estreado em 1968, assinado por um casal de franceses, Jean-Marie Straub e Danièle Huillet. Tem como actores diversos músicos, nomeadamente o cravista Gustav Leonhardt (que interpreta a figura de Jean-Sébastien Bach), ao lado de vários outros nomes, como Christiane Lang-Drewanz, Nikolaus Harnoncourt, Bob van Asperen ou Wolfgang Schöne. Filme polémico, de um ascetismo radical, é obra que uns amam e entronizam e a que outros reagem de forma completamente oposta. Mas será interessante colocar várias questões sobre a concepção desta obra. Vamos por partes.

Jean-Sébastien Bach (1685 - 1750) foi um importante compositor, cravista, *kapellmeister*, regente, organista, professor, violinista nascido em Eisenach, no ainda Sacro Império Romano-Germânico, actualmente Alemanha.

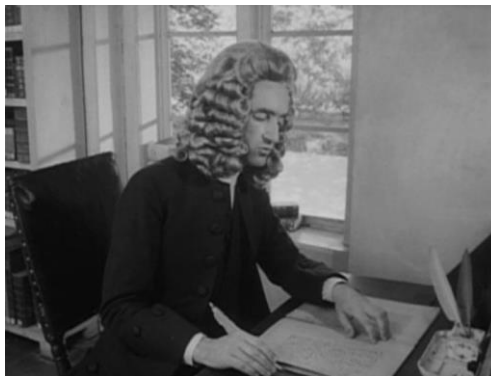
Bach casou pela segunda vez com Anna Magdalena Bach, a 3 de Dezembro de 1721, ano e meio depois do falecimento da sua primeira mulher, Maria Barbara Bach. Viveram juntos entre 1723 e 1742, tiveram 13 filhos, a maioria morreu muito novos. Anna nascera em Zeitz, na Saxónia, numa família de tradições musicais, o pai, Johann Caspar Wilcke, tocava trompeta, e a mãe, Margaretha Elisabeth Liebe, era filha de um organista. Em 1721 sabe-se que Anna Magdalena era conhecida como cantora, tendo casado aos 17 anos. Parece ter sido um casamento feliz, dado o interesse mútuo pela música, e o compositor escreveu várias composições para a sua mulher. As mais conhecidas encontram-se reunidas em dois volumes intitulados, “Notenbüchlein für Anna Magdalena Bach”.

Foi este “Diário” ou “Crónica” que interessou Jean-Marie Straub e Danièle Huillet para a concepção do seu filme. As relações entre Bach e Anna Magdalena estão, todavia, envoltas nalgum mistério. Há quem tenha dúvidas sobre a veracidade do “Diário”, e há quem afirme que algumas obras de Bach foram realmente compostas pela mulher (ela que, como copista, habitualmente transcrevia a peças musicais de Bach). Seja como for, foi esta “Crónica” que esteve na base de “Chronik der Anna Magdalena Bach”, filme que se estrutura de forma simples: algumas composições (integrais) de Bach, entrecortadas com excertos de páginas do manuscrito.

Começa aqui a polémica em torno do filme: Há quem fale de “manifesto antiromântico”, que “reinventa o cinema a cada novo plano”, que se coloca na “grande tradição do cinema de mestres como Dreyer, Murnau e Mizoguchi”. Há quem rejeite por completo esta análise e fale sobretudo em aborrecimento fatal.

Qual a opção de Jean-Marie Straub e Danièle Huillet? Filmar “a própria matéria do cinema”, os documentos tal e qual se apresentam, os recitais num plano único, quase sem movimentos de câmara, com os músicos firmes nos seus lugares originais. Com uma particularidade a sublinhar ainda: os realizadores filmaram cada peça musical no espaço onde originalmente tinha sido apresentada ao público pela primeira vez, quer fosse Alemanha, Itália ou França. Por vezes o que vemos é uma parede branca, tendo à frente um cravo que Bach toca. Ou então um órgão de uma igreja com tantos músicos a rodeá-lo que tanto pode ser em Itália como em França.

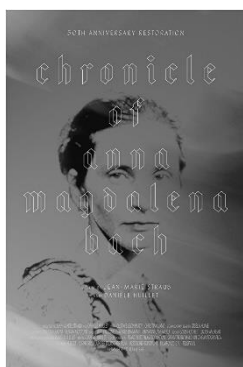
Mas Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, que chegaram a afirmar que este filme era uma obra marxista, insistem que lutaram contra a visão romântica das vidas de músicos levadas ao cinema, e o resultado é esta austeridade calvinista, este cinema que se diz sem efeitos de nenhuma espécie, como se tal fosse possível. Se Jean-Marie Straub e Danièle Huillet lutam contra um cinema de manipulação emocional do espectador, será que não entendem que todo o acto criativo é manipulação em maior ou menor grau? Ao optarem por enquadrar de uma certa maneira, ao colocarem os actores em certos lugares, ao colocarem a câmara numa perspectiva determinada para obterem um plano único estão claramente a manipular o espectador. Ao iluminarem, ao escolherem os adereços, ao vestirem os actores com roupa da época e cabeleiras a conduzir, ao selecionarem os cenários, ao aceitarem dos actores uma representação que no mínimo se pode chamar “neutra” estão a manipular as imagens que o público vai consumir. Estão a orientá-lo num determinado sentido, a obrigá-lo a uma reacção predefinda.



Li algures: “La musique n’est pas seulement le sujet du film, mais la matière dont il est fait, tandis que l’image a seulement une fonction d’illustration”. Parece, portanto, que a ideia do casal de realizadores é restituir a música na sua pureza inicial, sem que nenhum efeito belisque esse estado puro. Straub vai mais longe e afirma que a música é, neste caso, “une matière esthétique”. Mas julgo que isso já se conseguia por outros meios. Chamam-se concertos.

Rodado entre meados de Agosto e meados de Outubro de 1967, “Crónica de Ana Madalena Bach” teve grandes dificuldades para angariar fundos para a rodagem. Foi um projecto que amadureceu durante dez anos. Poderá ser interessante como projecto, ainda que equívoco como resultado.

Texto de Lauro António



CRÓNICA DE ANA MADALENA BACH

Título original: Chronik der Anna Magdalena Bach

Realização: Danièle Huillet, Jean-Marie Straub (RFA, 1968); **Argumento:** Danièle Huillet, Jean-Marie Straub; **Produção:** Gian Vittorio Baldi, Danièle Huillet, Franz Seitz, Jean-Marie Straub; **Música:** Johann Sebastian Bach; **Fotografia (p/b):** Ugo Piccone; **Montagem:** Danièle Huillet, Jean-Marie Straub; **Design de produção:** Danièle Huillet; **Guarda-roupa:** Vera Poggioni; **Maquilhagem:** Guerrino Todero; **Direcção de Produção:** Günther Maag, Horst Winter; **Som:** Louis Hochet, Lucien Moreau, Paul Schöler; **Companhias de produção:** Franz Seitz Filmproduktion, Neue Filmkunst Walter Kirchner, Hessischer Rundfunk, Gianvittorio Baldi IDI Cinematografica, RAI Radiotelevisione Italiana, Kuratorium Junger Deutscher Film; **Intérpretes:** Gustav Leonhardt (Johann Sebastian Bach), Christiane Lang (Anna Magdalena Bach), Paolo Carlini (Hölzel), Ernst Castell (Steger), Hans-Peter Boye (Born), Joachim Wolff, Rainer Kirchner, Eckart Bruntjen, Walter Peters, Kathrien Leonhard, Anja Fahrman, Katja Drewanz, Bob van Asperen, Andreas Pangritz, Bernd Weikl, Wolfgang Schöne, Karl-Heinz Lampe, Bernhard Wehle, Christa Degler, Karl-Heinz Klein, Nikolaus Harnoncourt, Hellmuth Costard, etc. **Duração:** 93 minutos; **Distribuição em Portugal:** inexistente; **Distribuição DVD:** New Wave Films (Inglaterra); **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 28 de Janeiro de 1977. Original em alemão com legendas em inglês.